

Ana Conceição Bernardo

Título:

QUATRO ESTAÇÕES DE UM AMOR POR SOBREVIVER

Texto:

QUATRO ESTAÇÕES DE UM AMOR POR SOBREVIVER

NÃO SOBREVIVEREMOS A ESTE INVERNO

Escrevo-te já com a certeza de não haveremos sobrevivido a este inverno.

O gélido frio num vendaval de palavras, trouxeram o inferno do afastamento, lacónico discurso, curto e enigmático, a curta SMS a encurtar distâncias e a por definitivamente um fim a tudo o que nunca existiu. O absurdo do remate final, "Estou a viver também um conflito interior, não tenho tido disponibilidade emocional.", meiga forma de o dizer, deixa-me em paz. O céu derrama-se em pranto, e não há abraços com a força capaz de segurar o vento perturbador e feroz, numa agitada dança destruidora e ruidosa. As árvores medem força com o humor do tempo, e a natureza implacável e demolidora, surpreende com mágicas de feitiços endemoniados.

Chuva e a ventania à beira-mar, cenário cinzento e triste, e as baixas temperaturas a que a humanidade assiste e resiste, são os ingredientes necessários ao temperamental enredo da desilusão amorosa. Que paixão por mais escaldante que seja, consegue sobreviver às temperaturas negativas do coração.

Do outro lado do oceano gelam cidades, e os rios congelados formam caudais de brancura com os vinte e cinco graus negativos.

Que amor resiste a um inverno tão rigoroso, e que fogo da paixão mantém acesa a chama ou as cinzas ainda mornas, nesta anormal humidade e frialdade.

O amor congelado mede forças com a eternidade.

Pudesse uma única lágrima, trazê-lo de volta, ao calor das mãos unidas e entrelaçadas.

O mar ruidoso, enfurecido, espumoso, de vagas elevadas a desfazer dunas no litoral, a arrasar areais e paredões, fazendo estremecer faróis e barras, portos e capitánias, urra sobre o cântico das sirenes em aviso de tempestade, a prece do mau tempo a augurar grandes estragos e o confronto hercúleo de ondas gigantes e frágeis homens.

E o amor, até à última gota, a esvair-se na tragédia do silêncio e da ausência, que nenhum frio há-de chegar tão tarde que a sobrevivência da saudade seja a memória doce e quente a derreter o gelo caloroso do cansaço de viver.

...

NÃO SOBREVIVEREMOS A ESTE OUTONO

Escrevo-te certa de que não sobreviveremos a este outono.

A mensagem chegou, fria e exausta, como um corpo moído e um espírito vazio, na torturante existência de sentir.

Talvez um adeus à muito esperado, arrastado pela ausência de coragem em não ter dito toda a verdade, e omitido uma vida que não sabia viver.

Ou as palavras o atravessassem lanças de confissão em busca de compreensiva ternura e a esperança do acontecer.

Chegaram num bilhete electrónico, tão verdadeiras quanto leais, - "Não consigo escrever nem uma frase.

Paio nos dias e sinto-me longe de todos. Sobretudo dos sentimentos.

Vivo e não reflito, não sei se isso é vida, talvez seja.

Penso ao contrário de todos. Sou um dissidente dos dissidentes. Sofro de um egoísmo materialista e estéril, e tenho a paga correspondente, nada.

Restam-me os sentidos, por vagas, nem sempre confessáveis.

Sou um solitário e nem sempre sem sofrer. Não tenho amigos, os antigos afastaram-se, no espaço ou na amizade.

Nem triste consigo estar, eu que achava a tristeza tão bela às vezes.

Admiro os que têm amigos, os que partilham afectos, os que sofrem e são sensíveis, os que falam e fazem bem com as palavras. Porque eu não tenho nenhuma dessas artes. Sou sensível, mas não consigo ser. Preciso dos outros, mas não consigo tê-los, por falta de jeito, por falta de altruísmo, por falta de palavras, e tantas vezes, oh culpa, por falta de paciência.

O mundo, que eu acho belo e grandioso, passa lá fora sem que eu consiga vê-lo. E quando o procuro, acho-o quase sempre ruidoso, fecho as janelas.

Dói-me muitas vezes as cabeça, tomo analgésicos. Trabalho muito, mas só em tarefas rotineiras porque são fáceis. E depois fico sem tempo, parece que às vezes não quero ter tempo.

Peço-te desculpa pelo silêncio e por promessas que, não o sendo no momento, se revelaram falsas. Agradeço-te que continues aí, onde quer que estejas, e sinto-me um ladrão que se rouba o direito de te escrever só quando muito bem lhe apetece, para dizer frases que talvez nem eu entenda, e depois te deixa no silêncio, que é a mais vil e cruel das respostas. Agradeço tanta generosidade que não mereço. Não sei se te é aceitável uma vaga esperança de não sei o quê. Compreendo que não seja.

Seria preferível não ter conseguido escrever nem uma frase?"

O tempo encarregou-se de contrariar todo o argumento do discurso de silêncio esquecido, por momentos houve palavras, olhares, afagos, prazer, abraços, ternura, e o mundo quase parava, na envolvente penumbra dos secretos encontros das terças-feiras outonais. Entre quatro paredes todo o silêncio fazia sentido, as horas paravam no relógio digital, os dados móveis eram desligados, as palavras eram mínimas, justificavam a saudade com beijos.

Um dia perguntou-lhe porque estava ali.

Ateveu-se adivinhar paixão, amor, amizade, ou somente o gozo de sentir.

Lembrou-lhe um outro bilhete sem data, que guardou no fundo da alma às escuras, para um dia o ver brilhar dentro dos seus olhos de amante. Foi tão profundo que soube bem esperar, - " Quero abraçar-te e conhecer o tamanho do nosso desejo.

Quero que o tempo que passou não conte e quero conseguir que o tempo pare em nós o tempo de amar-nos sem idade nem destino, quero encontrar-te no profundo de nós mesmo, sem tempo e sem medida.

Não me importo da espera quando sei que o porto é certo, permito-me mesmo fruir a antecipação do fruir, esse é tão breve quanto esta tem sido longa.

Quero ter-te e que me tenhas, e o tempo não contará, só a intensidade do presente.

Quero beijar-te os lábios que apenas aflorei, que nesse apenas já senti a doçura do desejo."

Era gratidão a mais, e o ténue fio da memória haveria de quebrar quando o cansaço da rotina tomasse conta do lugar, porque tudo tem um fim.

Era só um desejo torpe, sem grande significado, sem muitos outonos a repetir, ou a lembrança a guardar da secreta vontade feita acontecer.

Outono tinha o sabor mágico da espera, carregado de silêncio cumprido, a promessa feita sem cobranças, com segredo digital, sem vestígios de culpa, sem validade, ainda hoje espera com a verdadeira identidade, as palavras que não são minhas, -"Quero-te em outono. Uma tarde só nossa. Para libertar toda a

sensualidade, mais do que em palavras, em toques, no contacto das nossas peles macias, até à profundidade dos nossos corpos, toda a exaustão, sem pensar em mais nada que sorver-nos com sofreguidão consentida e grata. Quero-te uma

tarde, na intimidade de um quarto, só nós dois, sem barreiras, só dando e recebendo como quem recebe dando. Quero o teu corpo, a certeza

dos nossos corpos, folhas caídas, árvores despidas. Beijar-te, abraçar-te, percorrer-te a pele, partilhar o prazer dentro de ti. Um vendaval de beijos, beijar-te e beijar-te e beijar-te...".

Outono tem o mel do desassossego que persiste, do silêncio espiritual que comunica além de todo entendimento, ao cair da folha traz consigo a certeza de que é só uma estação a renovar a promessa de vida, a antecipar o adormecimento das memórias, o fortuito encontro de tantas terças-feiras a morrer pela tarde a lei inevitável da atração entre dois seres.

Ainda podem achar que a palavra certa para este silêncio de sentidos, seja amantes, ou outono tenha conhecido uma palavra nova, consentida de paixão silenciada.

...

NÃO SOBREVIVEREMOS A ESTA PRIMAVERA

Escrevo-te certa de que não sobreviveremos a esta primavera. Mas a um amor depois de tudo. Guardar-te-ei meu amor, depois de tudo, o meu bem mais precioso, guardado naquele lugar em que os olhos nada veem e o coração tudo pode alcançar.

Desafiando tempo, lugar, circunstâncias, soubemos esperar o renascer, o momento certo para sabermos e sentirmos, que o que construímos de palavras, ao longo de quase dez anos, tinha a veracidade do fator geracional das leis conspiradoras do universo, a unir almas num distanciamento irrelevante, perante a lei da atração, que a força dos versos de amor contribuiu para alimentar a paixão que exaspera um amor de pele e sentidos, mesmo que o sentimento não lhes pertença.

Eu a mulher, tu o homem, em terra fecunda e duas vidas num rumo tranquilo, ponderado, a viver uma maturidade serena e saudável, famílias compostas, o sossego de um lar feliz, uma vida doce e bela.

O acaso ou não, lembraste-te, tocava o teu rosto e dizia-te, porque o sentia, sim, na pele dos dedos a contornar as curvas do teu perfil, dizia-te como já te conhecia e sempre te conheci, e divagávamos por vidas passadas, questionávamos se não teríamos tido essa vida juntos, num outro tempo, numa outra dimensão.

O nosso amor de pele, com vontade de germinar, partilhado ocasionalmente, num encontro de dois amantes com as horas contadas e o tempo parado e amado num mar de suor, beijos, fluídos, as vezes alguma lágrima furtiva, carregada de saudade, a mesma saudade de uma fonte de eternidade, uma saudade de afeto e de prazer em que nos perdíamos de amor, mãos, abraços, pés, pernas, tudo entrelaçado, tudo enredado, quase fundidos um no outro, e era assim, tardes inteiras, que um dia a memória há-de vingar ao morrer.

Nunca vou saber se alguma vez, depois de amares, foi amor o que por mim sentiste, se era amor que me tinhas, ou vaga noção da urgência de prazer que buscavas na secreta aventura que mantinhas comigo.

Que importa saber, naquele instante era eu, era o meu corpo, eram os meus olhos que se fundiam nos teus, o mundo parava lá fora, até que o relógio avisasse que o tempo de sermos dois num só, se tinha esgotado.

Não sei quantas tardes repetimos o sentir deslizando num prazer carnal de silêncio e poesia de amor de pele.

Nunca nos despedimos, e era tanta a pressa de nos despirmos de tudo o que era a real vida que tínhamos, lá fora, e ali dentro éramos um do outro, o bastante para gozarmos a brancura dos lençóis na penumbra discreta do mesmo quarto de motel, todo esse tempo que nós encontramos para amar.

Não há tristeza, não há dor, não há rancor, não há o sofrimento que tu tantas vezes temias que acontecesse, e me avisavas que não querias que eu passasse por isso, um cuidado de amor, e eu prometia que nunca iria sofrer por ti.

Nunca falamos de saudade. E sentir saudade é amar.

Sinto saudade do teu corpo, do teu cheiro, do calor do teu abraço, do bater do teu coração.

...

NÃO SOBREVIVEREMOS A ESTE VERÃO

Escrevo-te certa de que não sobreviveremos a este Verão.

Deixo voar o poema como uma borboleta solta no pranto que as palavras sufocam de desilusão na discreta tristeza de voos desviados para além da paixão.

O hiato no tempo já sem tempo e paciência de lembrar quando foi a última vez que nos vimos. Nem sei por que esqueci o último momento em que te tive por perto, brinquei com os teus cabelos enrolados nos meus dedos e semeiei de beijos no teu corpo, da boca à pele, sementes de saudade para as ver florir rapidamente nos poros da tua carne quando voltasses a querer-me nas tuas mãos de novo, de um desejo enraizado de vontade, de intimidade, de cumplicidade, como quando sentimos este apelo que nos atrai como ímans inseparáveis.

Ainda que sejam somente umas horas, o tempo estica-se de ilusão, e o lugar onde nos abraçamos, torna-se o nosso mundo, onde tudo e nada faz sentido, mas que nos faz sentir o amor em sintonia.

A combustão até ao limite do tempo de que dispomos, ardemos com loucura no prazer que nos faz voar as horas de imaginação e sentimento.

Aprendi com a Ana Luísa a temperar versos e a alimentar o palato dos teus sonhos comigo, de receitas antigas com ingredientes secretos, e lágrimas do teu olhar emudecido de espera a salgar doce sentir, e sombras desenhadas com o suor dos nossos corpos estendidos entre lençóis na penumbra do silêncio dos poços fundos com que tecemos a melancolia dos poemas escritos com os nossos sentidos.

O Verão é um longo passado fechado num quarto escuro de que perdemos a chave e que se atrasa sempre no relógio irrequieto de uma poesia confessional, como se uma prece fosse suficiente para acalmar o desassossego aprendido para viver sem ti.

A Maria do Rosário ensinou-me a guardar a verdade de não amar ninguém mais depois de ti e de aceitar todos os fogos extintos e guardar em herméticos boiões as cinzas e a escuridão das tardes que morrem sem ouvir outra vez o cântico da tua voz a chamar por mim.

Os afectos densos e espessos esteios dessa eternidade amadurecida de orgasmos de ternura no ponto certo, de sabor forte a cicatrizes e marcas de vivências fendidas por uma amargura pálida e fria.

A Florbela deixou-me de herança as únicas palavras que nunca ninguém quis dizer, nem eu jamais as voltarei a repetir, por que não se sobrevive ao amor se nada mais temos para dizer um ao outro. E nas próximas estações já nenhum de nós se vai lembrar de que existimos um dia e fomos o sol mais morno e luminoso como raio de luz na vida.

...

musa